

A UTILIZAÇÃO DE ORNAMENTOS DO MOVIMENTO *ART DÉCO*, EM FACHADAS NA CIDADE DE ANÁPOLIS, GO.

Lucas Gabriel Corrêa Vargas¹ (lucascvargas@hotmail.com)
Márcia Metran de Mello² (metranmarcia@gmail.com)

Resumo:

O movimento *art déco*, que no início do século XX trazia em si as ideias do racionalismo, funcionalismo e austeridade no modo de projetar, pode ser considerado como um movimento arquitetônico símbolo de uma época e de vanguardas do progresso. Na cidade de Anápolis, algumas edificações construídas apresentavam em suas fachadas elementos característicos deste movimento, como os jogos de volumes, as esquadrias verticalizadas e as platibandas. Nas edificações da cidade construídas a partir da década de 1930 era possível observar ornamentos nas fachadas característicos do movimento. Apesar das limitações construtivas, dado o afastamento das capitais, as formas e ideias gerais do *art déco* encontravam-se presentes, demonstrando que a arquitetura popular seria capaz de ao seu gosto e mesmo através de uma simples reprodução, alcançar a estética do que no senso comum era compreendido como significado de progresso e desenvolvimento.

Palavras chave: *art déco*, Anápolis, fachadas.

¹ Arquiteto e Urbanista. Mestrando em Arquitetura e Urbanismo. UFG.

² Arquiteta e Urbanista, doutora em Sociologia pela Universidade de Brasília (2004), professora da Universidade Federal de Goiás.

1. Uma questão de estilo

A análise de aspectos estilísticos de fachadas é determinante para a identificação de um estilo arquitetônico, representado em uma edificação. Sabe-se que no início do século XX, nas localidades afastadas dos centros urbanos, o costume era o de seguir modismos apresentado em revistas e panfletos, ou vistos nos cinemas. Dessa forma, quando são encontrados elementos semelhantes que possuem presença marcante em fachadas, ou edificações aparentemente com mesma tipologia, faz-se necessário a reflexão sobre sua verdadeira origem.

Falar de estilos é falar sobre modos de expressão de grupos ou períodos a partir de elementos constantes ou semelhantes da produção artística e arquitetônica de uma população em determinada época. Os estilos arquitetônicos apresentam peculiaridades artísticas produzidas de acordo com certos princípios, num certo período, por determinado povo, segundo técnicas específicas. Expressam, pois, categorias de pensamento e referências culturais. (MAHLER & SILVA, 2006, p. 112).

É complexo enquadrar uma edificação em um determinado estilo ou movimento de arquitetura, devido à necessidade de analisar o contexto em que os idealizadores, proprietários ou construtores estiveram inseridos. O modo de se projetar e as características regionais, nem sempre permitiam o alcance das mesmas expressões plásticas vigentes em outros locais.

Quando um construtor ou projetista buscava representar um estilo arquitetônico, a ausência de fundamentação teórica sobre o que se empregava, tendia a tornar o produto final uma cópia. Dessa forma se executa a reprodução ou repetição simplificada, de tipos, formas e combinações, criadas fora de sua concepção original.

Para Aldo Rossi “O *tipo* vai se constituindo, pois, de acordo com as necessidades e com as aspirações de beleza; único, mas variadíssimo em sociedade diferentes, ele está ligado à forma e ao estilo de vida” (ROSSI, 2001, p.25). Refere-se também às atividades arquitetônicas típicas, que muitas vezes são confundidas com estilos arquitetônicos. Os tipos mantêm-se com o passar dos tempos, sendo influenciados pelo modo de vida e métodos construtivos, diversificando assim a arquitetura. Os tipos seriam constantes e utilizados de acordo com a necessidade, variando-se os modelos executados.

São os tipos que dão valor à forma arquitetônica. Graças a eles, a arquitetura adquire uma condição objetiva que supera a desejada criação individual das vanguardas. (MONEO, 2008, p. 99)”. Sob a ótica acadêmica, a análise do tipo proporciona fundamentos sólidos, resultando em atividade crítica, função propositiva das imagens e valor demonstrativo de projeto. (MONTANER, 1997, p. 121) A análise das formas arquitetônicas, permitiria assim encontrar a presença dos tipos, desde que eles estivessem ligados simbolicamente às formas; é comum notar-se que a maior parte dos elementos arquitetônicos são utilizados como parte de modelos e não com intenção tipológica.

Quando o conteúdo simbólico precede o ‘tipo’ e o determina, ele só transmissível se estiver associado a determinadas formas arquitetônicas; na hipótese contrária, a sucessão de formas transmite o conteúdo simbólico de maneira mais ou menos consciente. (ARGAN, 2008, p.269)

Este trabalho pretende fazer uma análise da utilização de ornamentos em fachadas, discutindo a questão da representação dos estilos arquitetônicos, tomando por estudo de caso, imagens de edificações construídas na cidade de Anápolis, entre as décadas de 1930 e 1940, e que apresentam características, sobre as quais seria possível observar a influência do estilo *art déco*.

2. O *art déco*.

O *art déco* foi um movimento artístico que buscava a ornamentação, utilizando a combinação de formas geométricas, valendo-se do jogo de encaixes e recuos, submetidos à complexidade dos planos.

O estilo *art déco* foi uma manifestação do início do século XX. Considera-se a Primeira Guerra Mundial como a linha divisória entre o *art nouveau* e o *art déco* e acredita-se que o último teria acontecido para contrapor-se ao primeiro. Muitos confundem o *art nouveau* e o *art déco*. Na realidade o primeiro foi uma criação estética original que se inspirou na natureza para produzir o seu repertório de formas. O segundo, por sua vez, recorreu a fontes heterogêneas e pré-existentes (enquanto elaborações humanas), embora o resultado tenha sido um arranjo inédito. (MELLO, 2006, p.68)

A Exposição de artes decorativas de Paris, em 1925 foi a grande exposição mundial que deu visibilidade a este e outros movimentos, em inovadoras peças de arte, decoração e proposições arquitetônicas. “A proposta do *art déco* assemelhava mais a um movimento de ideias, do que a um estilo arquitetônico, justamente por sua abrangência limitada e pequena discussão teórica” (UNES, 2001, p. 27). Inspirava-se inicialmente no cubismo, suscitando nas obras certo dinamismo e movimento, a fim de alcançar o sentido entre as proporções. Seus resultados plásticos refinavam as obras, em contraponto com outros movimentos e estilos que possuíam excesso de ornamentos, fazendo uso de princípios do pensamento racionalista e funcionalista, podendo ser caracterizado como um movimento de transição.

Dentro do repertório formal do *art déco* na arquitetura, destacaram as marquises, os balcões em balanço, as colunas, frontões, óculos, capiteis, pilastras e volutas de formas simplificadas, os gradis e caixilhos de metal, os ornatos em alto ou baixo relevo representando formas geométricas, as superfícies escalonadas, etc. (CORREIA, 2010, p. 15).

No período compreendido entre as décadas de 1920 e 1940, marcado por transformações pós 1ª guerra mundial foram consolidadas as inovações tecnológicas à vida urbana, dentre elas novas técnicas construtivas que atendiam às demandas da sociedade industrial. O movimento *art déco* surgiu como um ícone de representação dessa modernidade pela possibilidade de ser incorporado em diversos campos de atuação, desde a arquitetura até a indústria naval.

A representação simbólica do progresso ficou também evidente no grande número de tipologias arquitetônicas que são projetadas seguindo o movimento *art déco*. No Brasil grande parte dos edifícios públicos do governo de Getúlio Vargas, bem como os cinemas, teatros e sedes de emissoras de rádio foram edificadas seguindo a composição austera e formal do movimento.

“No *art déco*, contudo, embora todo o edifício apresentasse um caráter ornamental na sua composição, a ornamentação pode ser percebida, muitas vezes como uma aplicação” (SÁ, 2005, p.73). Nas capitais a elaboração dos projetos e o acesso aos novos métodos construtivos conferiam aos edifícios maior repertório das características do movimento, diferentemente das cidades do interior, onde a representação, se restringia ao uso dos elementos característicos nas fachadas.

A utilização desses recursos de ornamentação, tais como platibandas que escondiam os telhados tradicionais ou frisos em alto relevo na alvenaria e junto às esquadrias era, ao gosto popular, uma forma de representar a mudança e o progresso nas fachadas. O que mais chama atenção nesse processo de transformação da arquitetura da cidade, visando o “estilo” tão incentivado, era a utilização generalizada das platibandas, que vieram a ser incorporadas nas novas edificações ou ser acrescentadas nos edifícios reformados. (FERREIRA, 1999, p. 192)

SUTIL (2010, p.42) observa que “de certa maneira, o *art déco*, correspondeu ao apelo popular com uma arquitetura de baixo custo e com formas e elementos simples de reproduzir”.

3. A cidade de Anápolis.

A cidade de Anápolis é conhecida por sua história de fundação e trajetória de ocupação ligada ao comércio. Para compreender o processo de transformação urbana e arquitetônica da cidade é necessário observar as mudanças na economia, como fatores cruciais.

Localizada na região central do estado de Goiás, a aglomeração inicial da cidade era ponto de passagem e acomodação de viajantes. Sua ocupação data do final do século XIX, momento histórico em que ocorreu a redução drástica da mineração de ouro em Minas Gerais, quando ocorre a imigração de famílias em busca de terras agricultáveis e a consolidação dos núcleos urbanos atrelados ao trajeto ferroviário.

Com os movimentos migratórios do final do século XIX e início do século XX, houve acréscimo na circulação de viajantes e aumento do mercado consumidor. “Influenciada pelo ritmo do progresso, entre 1910 e 1935 a cidade experimentou expressivo crescimento populacional, o maior da história do município”. (POLONIAL, 2000, p. 54).

A chegada da Estrada de Ferro Goiás (EFG) à cidade de Anápolis, no ano de 1935 (Figura 1), permitiu à cidade receber mercadorias, vindas da região Sudeste e de Minas Gerais, favorecendo a instalação de novos armazéns e do comércio em geral.

Figura 1: Inauguração da Estação de Ferro de Anápolis, em 7 de Setembro de 1935, em Anápolis-Go.



Fonte: Anápolis, 2014.

A respeito da origem dos imigrantes, FERREIRA (2004, p.71) afirma que “eram, em sua maioria, paulistas e mineiros interessados na criação de gado e na agricultura. Para Goiás vieram também árabes (ou turco, como eram erroneamente chamados, portugueses, italianos, espanhóis e alemães”.

“Na década de 1930, grande parte dos imigrantes árabes instalados nas cidades servidas pela ferrovia goiana se deslocou para Anápolis, que se transformou nessa época no maior polo econômico do Estado”. (NUNES, 2000, p. 68). Outros grupos de imigrantes acompanharam este processo, destacando-se os italianos e japoneses ao ocupar colônias agrícolas, atualmente as cidades de Nova Veneza e Nerópolis.

A crise no setor energético, o sucateamento das ferrovias e o início da impulsão das rodovias nos transportes por terra, a partir de década de 50, fizeram com que Anápolis perdesse gradativamente sua importância econômica. Houve ainda a concorrência com a nova capital do Estado e posteriormente com a capital federal, não deixando vestígios da hegemonia que a cidade de Anápolis possuía. (ARRUDA & PEREIRA, 2008).

4. Cenário de modernização.

Afastada das grandes cidades e com economia baseada na agropecuária, até a década de 20, Anápolis possuía cerca de vinte mil habitantes sendo que mais de 70 % da população morava na zona rural. O fenômeno de expansão urbana de Anápolis esteve relacionado à consolidação da estruturação urbana, como um centro de comércio; as maiores transformações no cenário urbano da cidade surgiram após melhorias na infraestrutura

(Figuras 2 e 3), como a instalação de uma usina de energia elétrica em 1924, um telégrafo em 1926 e um cinema em 1929.

Figuras 2 e 3: Obras de pavimentação de vias da região central, na cidade de Anápolis.



Fonte: Anápolis, 2014.

Segundo Ferreira (1981, p. 42), em Anápolis, até 1920, as casas eram construídas de pau-a-pique ou adobes, cuja segurança era garantida por fortes esteios de aroeira. Já a taipa de pilão era raramente utilizada em residências, pela necessidade de se utilizar grandes beirais. Após a instalação de uma olaria na cidade, o custo do transporte dos tijolos foi reduzido, sendo necessário apenas importar o cimento e os metais das grandes cidades.

Arruda & Pereira (2008) afirmam que:

na arquitetura a chegada dos trilhos faz-se sentir pela vinda de novas ideias e o uso do ferro. As principais residências ecléticas foram construídas nesta época, em sua maioria por construtores italianos, uma vez que apenas famílias muito abastadas podiam contratar arquitetos das grandes capitais.

Enquanto as residências, aos poucos, aderiam aos estilos neocoloniais, normandos e enxaimel, dada a influência dos imigrantes, os edifícios públicos e comerciais se guiavam pelas tendências do movimento eclético e do art déco.

5. Expressões do *art déco* na cidade de Anápolis.

O cenário das edificações na cidade de Anápolis na década de 1930 assemelhava-se a uma colagem sucessiva de edificações, seguindo diversas orientações e estilos (Figuras 4 e 5).

Figura 4: Rua Barão do Rio Branco, na década de 1940 em Anápolis, Go.



Fonte: Anápolis, 2014.

Figura 5: Rua Achilles de Pina, na década de 1940 em Anápolis, Go.



Fonte: Anápolis, 2014.

Segawa (2010, p. 72) afirma que “nas cidades construídas nos anos de 1930 -1940 há uma verdadeira concentração de arquitetura popular de gosto *déco*, nas mais variadas interpretações possíveis e imagináveis”.

Os exemplares do movimento *déco* em Anápolis apresentavam, em sua maioria, elementos ornamentais nas fachadas, havendo poucas edificações com características mais expressivas do movimento, como os jogos de volumes. A continuidade de soluções arquitetônicas tradicionais era evidente nas residências, sendo mantido o sistema construtivo tradicional e distribuição de ambientes, enquanto sua fachada exterior começava a ser revestida por diferentes ornamentos.

Ter um barracão de taipa ou mesmo adobe com adornos na fachada, tais como platibandas com escalonamentos que escondiam a cobertura ou pilares cujo capitel recebiam um friso quadrado, era uma das formas mais simples de que a população dispunha para se aproximar fisicamente das formas tidas como representativas do progresso.

O uso da platibanda, que escondia os telhados comuns em telhas de barro, só foi possível graças ao uso de rufos e calhas internas; arranjos de coberturas com quatro águas se tornaram mais frequentes nas maiores edificações. Grande parte das platibandas foi construída em reformas, sendo que em outras cidades fazia parte da legislação municipal a execução das platibandas, afim de que o conjunto da cidade representasse como um todo a aparência do progresso.

As platibandas eram geralmente lisas, utilizando linhas em alto relevo ou frisos, horizontais e verticais (Figuras 6 e 7), ressaltando o contorno escalonado. A composição dos coroamentos era comum às fachadas projetadas, seguindo-se a repetição das esquadrias verticalizadas e em número maior e por fim os metais nos detalhes de balcões e guarda corpos.

Figura 6: Revendedora GMC, na década de 1940, na Rua Achiles de Pina, atualmente um estacionamento, em Anápolis, Go.



Fonte: Anápolis, 2014.

Figura 7: Fachada do Hospital Nossa Senhora de Lurdes, na Praça Bom Jesus, na década de 1940, demolido e reconstruído na década de 1960, em Anápolis, Go.



Fonte: Anápolis, 2014.

Em relação as residências, poucos projetos conseguiram representar as características formais do movimento art. déco, (Figuras 8 e 9). Nelas, a composição base,

corpo e coroamento era evidente, bem como os recortes nos volumes. Metais dos balcões e esquadrias eram raridade, dada a dificuldade de transporte até a região. Os recuos em relação à testada frontal dos lotes criavam uma descontinuidade com a maioria das casas alinhadas, conferindo maior destaque à edificação. Em relação às cores utilizadas os registros fotográficos não elucidam muito a respeito. Percebe-se, no entanto, certa preferência pelos tons pastel e presença de contrastes entre claro e escuro.

Figura 8: Residência na Praça James Fanstone, na década de 1940, atualmente clínica médica, em Anápolis, Go.



Fonte: Anápolis, 2014.

Figura 9: Residência na Rua Achilles de Pina, na década de 1940, demolida na década de 1970, em Anápolis, Go.



Fonte: Anápolis, 2014.

Nos edifícios de uso coletivo e públicos, nos cinemas e na prefeitura as composições do movimento *art déco* se destacavam; o gabarito das edificações com pé direito maior que o das residências, com dois ou três pavimentos, a quantidade e regularidade de esquadrias e aberturas nas fachadas e os metais das aberturas tinham maior destaque em relação às outras edificações.

Na cidade Goiânia, a nova capital do estado de Goiás, inaugurada em 1938, era evidente a diferenciação entre os edifícios públicos e os privados. Levando-se em consideração que as edificações possuíam maior destaque por sua implantação e recuos, e por suas dimensões, a inovação do estilo *art déco* e também a presença de outros estilos ecléticos, traziam para a cidade uma aparência distinta da existente na antiga capital, a cidade de Goiás.

É importante fazer uma distinção entre arquitetura institucional e privada. O resultado arquitetônico observado nos edifícios institucionais e privados é claramente distinto: enquanto aqueles demonstram maior riqueza de composição, ornamentação e detalhes, estes contentam-se muitas vezes com um ou outra característica *déco* apenas. (UNES, 2010,p.43)

No caso do cinema (Figuras 10 a 12), os pilares comumente eram ressaltados do volume central e os frisos baseados no *streamline* (linhas ressaltadas, em sequências horizontais ou verticais, com referência à indústria). O edifício da prefeitura (Figuras 13 e 14) trazia o jogo de volumes como maior característica, aparecendo nesses dois edifícios, nos portões e esquadrias os desenhos geométricos.

Figura 10: Cine Santana, na Praça Bom Jesus, na década de 1930, atualmente galeria comercial, em Anápolis, Go.



Fonte: Anápolis, 2014.

Figura 11: Detalhe do portão do Cine Santana, na Praça Bom Jesus, atualmente galeria comercial, em Anápolis, Go.



Fonte: Autor, 2014.

Figura 12: Detalhe do Friso na fachada frontal do Cine Santana, na Praça Bom Jesus, atualmente galeria comercial, em Anápolis, Go.



Fonte: autor, 2014

Figura 13: Prefeitura Municipal, na Praça Bom Jesus, na década de 1930, atualmente galeria de arte, em Anápolis, Go.



Fonte: Anápolis, 2014.

Figura 14: Portão da Prefeitura Municipal, na Praça Bom Jesus, na década de 1930, atualmente galeria de arte, em Anápolis, Go.



Fonte: Anápolis, 2014.

Os elementos do estilo *déco*, também eram utilizados em edifícios religiosos (Figuras 15 e 16), pois as linhas geométricas que conferiam ares de modernidade às residências, em conjuntos verticalizados traziam austeridade às fachadas antes rebuscadas.

Figura 15: Templo Protestante na década de 1940, em

Figura 16: Catedral do Bom Jesus, na década de 1940 em

Anápolis, Go.



Fonte: Anápolis, 2014

Anápolis, Go.



Fonte: Anápolis, 2014

Muitos dos exemplares restantes, com características referentes ao estilo, estão em condições diferentes dos originais. Foram executadas supressões em esquadrias, instalação de toldos e brises, modificações nas platibandas, revestimentos e pinturas, dificultando o trabalho de caracterização da edificação e também o processo de inventário.

6 - Considerações Finais

A Paisagem arquitetônica da cidade alterou-se significativamente a partir da década de 1930. A chegada de muitos imigrantes de diversos estados do Brasil e de países estrangeiros, aliada ao crescimento rápido do comércio são fatores que precisam ser analisados, para se compreender o alcance das propostas dos estilos arquitetônicos, em cidades que passaram por este cenário tão rápido de modernização, como foi o caso de Anápolis. A liberdade na adoção de elementos e a dificuldade de uma mão de obra especializada tiveram como consequência a mistura aleatória de elementos nas construções.

O movimento *art déco* esteve presente na cidade de Anápolis, bem como na capital do estado de Goiás, e em outras cidades que tiveram crescimento acelerado nas décadas de 1930 e 1940. As pesquisas sobre o movimento no Brasil são esparsas se comparadas com a sua importância histórica, uma vez que se pode considerar como um dos primeiros estilos nacionalmente difundidos e com largas produções de caráter regionalista.

Justifica-se aqui a realização de inventário sobre o movimento nas edificações em Anápolis, pela quantidade de exemplares, pela semelhança com outras cidades da região e por sua ligação direta com o fenômeno de expansão urbana. Conhecer e divulgar essas edificações é uma das formas de contribuir para a compreensão do movimento *art déco*, em sua expressão nas regiões mais afastadas dos grandes centros e também incentivar a preservação e conservação desse patrimônio.

7 - Referências

- ANÁPOLIS, Museu Histórico. *Acervo Iconográfico, digitalizado*. Museu histórico “Alderico Borges de Carvalho”. 2014.
- ARRUDA, Esther Mariano; PEREIRA, Maíra Teixeira. *Casas modernistas em Anápolis*. 2008. Disponível em <http://www.docomomo.org.br/seminario%208%20pdfs/072.pdf>. Acessado em 19.jan.2013.
- COELHO, Gustavo Neiva. *Arquitetura da mineração em Goiás*. 2ª ed. Goiânia: Trilhas urbanas. Goiânia. 2007. 102p.
- CORREIA, Telma de Barros. O Art Déco na arquitetura brasileira. *Revista UFG*, v. 12, nº 8, p. 14-18, jul / 2010.
- FERREIRA, Aroldo Márcio. *Urbanização e arquitetura na região da estrada de ferro Goiás. – E.F. Goiás: cidade de Pires do Rio, um exemplar em estudo*. 1999. Dissertação (Mestre em História) Faculdade de Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 1999. 278 p.
- _____. Arquitetura de Ipameri: resgate de uma memória. In: COELHO, Gustavo Neiva (org) *Ferrovia: 150 anos de arquitetura e história*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2004. 218 p.
- FERREIRA, Haydée Jayme. *Anápolis, sua vida, seu povo*. Brasília. 1981. 437 p.
- MAHLER, Christine Ramos; SILVA, Ciro Augusto Oliveira. Conceitos, estilos e formas arquitetônicas. In: LIMA-FILHO, Manoel Ferreira; MACHADO, Laís Aparecida. *Formas e tempos da cidade*. Goiânia: UCG, 2007. 280 p.
- MELLO, Márcia Metran. *Goiânia: cidade de pedras e de palavras*. Goiânia: Editora da UFG, 2006, 224p.
- MONEO, RAFAEL. *Inquietação teórica e estratégia projetual, na obra de oito arquitetos contemporâneos*. Trad. Flávio Coddou. São Paulo: Cosac Naify, 2008, 368p.
- MONTANER, Josep Maria. *A modernidade superada*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2001, 220p.
- NUNES, Heliane Prudente. *A imigração árabe em goiás*. Goiânia: Editora da UFG, 2000. 194 p.
- POLONIAL, Juscelino Martins. *Ensaio sobre a história de Anápolis*. Anápolis: Associação Educativa Evangélica, 2000. 177 p.
- ROSSI, Aldo. *A arquitetura da cidade*. Trad. Eduardo Brandão. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 309p
- SÁ, Marcos Moraes de. *Ornamento e modernismo. A construção de imagens na arquitetura*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005. 146 p.
- SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*. 3ª ed. São Paulo: Usp. 2010. 224 p.
- SUTIL, Marcelo Saldanha. A modernidade esquecida: O art déco em Curitiba. *Revista UFG*, v. 12, nº 8, p. 41-54 jul / 2010.
- UNES, Wolney. *Identidade art deco de Goiânia*. Goiânia: UFG, 2001. 200 p.
- _____. *Goiânia art. Déco: acervo arquitetônico e urbanístico – dossiê de tombamento*. Goiânia: Instituto Casa Brasil de Cultura, 2010, 190p.